

Representação da solidão na literatura

Um estudo de *O Homem Duplicado* –Saramago - e de *Afirma Pereira* - Tabucchi.

“O mal do século é a solidão”
Renato Russo, referindo-se ao Século XX.

Sena Siqueira

Professora de Português, mestre em educação e aluna do programa de doutorado em Literatura do TEL/UnB, sob a orientação do Professor Doutor Robson Coelho Tinoco.

Resumo

Este trabalho propõe um estudo, com base na teoria das representações sociais, da representação da solidão em duas obras literárias: *O homem duplicado*, de José Saramago, e *Afirma Pereira*, de Antonio Tabucchi. É considerada especificamente a solidão de Tertuliano Máximo Afonso, em Saramago, e de Pereira, em Tabucchi. O estudo da solidão, com a finalidade de compreender o estado de solidão das personagens analisadas, se dará com base em vários pensadores que têm refletido sobre a condição do homem em relação a si e ao outro. A vida privada ou pessoal sem a alteridade e a vida pública ou social, que inclui a presença do outro.

Palavras-chave: Solidão. Representação. Representações sociais. Literatura.

O estudo da representação da solidão, aqui, se dará com base na Teoria das Representações Sociais formulada por Moscovici¹, segundo a qual, as representações são construídas na interseção do espaço privado com o espaço público, uma vez que entre indivíduo e sociedade se estabelece uma relação altamente dinâmica, profundamente dialética, própria das representações que são construídas quando o singular e o coletivo se encontram. Além de Moscovici, Jodelet² e³ será outra referência para o entendimento das representações sociais e da representação da solidão nas obras estudadas.

A investigação teórica da solidão, com a finalidade de compreender o estado de solidão das personagens analisadas, se dará com base em vários pensadores que têm refletido sobre a condição do homem em relação a si e ao outro. A vida privada ou pessoal sem a alteridade e a vida pública ou social, que inclui a presença do outro. Neste trabalho, se buscará, de forma breve, os conceitos de alguns desses pensadores, entre os quais se destacam Heidegger⁴, Comte-Sponville⁵, Montaigne⁶ e Bauman⁷.

¹ MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

² JODELET, Denise (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2001.

³ _____ **La representación social: Fenómenos, concepto y teoría**. In: Moscovici, S. *Psicología Social II*. Editorial Paidós, Barcelona, España, 1998.

⁴ HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

⁵ COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

⁶ MONTAIGNE, M. **Os ensaios – livro I**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁷ BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

A solidão e suas facetas

A solidão pode ser compreendida sob dois pontos de vista: o ontológico e o sociológico. Do ponto de vista ontológico, o ser não é livre para escolher a solidão, uma vez que a solidão lhe é imposta pela própria natureza de ser. Ontologicamente, a solidão está relacionada com a existência do ser humano em si, à sua condição natural de existência. Na perspectiva social, a solidão pode ser voluntária ou imposta pelas condições a que o sujeito se submeta na relação com a alteridade.

Heidegger diz que “a caracterização do encontro com os outros também se orienta segundo a *própria* presença” (HEIDEGGER, 2007, p.174). É no encontro com o outro que se dão as relações de gênero e/ou interpessoais, quando se pode constatar a “co-presença” ou a solidão. A co-presença revela que o ser humano, ao procurar o outro, busca a si mesmo, pois o que se quer é o espelho, o reflexo. Assim, o artigo buscará mostrar que o estado de solidão de Tertuliano Máximo Afonso e Pereira, personagens, respectivamente, dos livros *O homem duplicado*, de José Saramago, e *Afirma Pereira*, de Antonio Tabucchi, pode ser traduzido pela representação que Tabucchi e Saramago fazem da busca da co-presença feita por suas personagens no decorrer das duas narrativas.

Solidão: uma condição natural do ser?

Segundo Comte-Sponville, a solidão não pode ser traduzida por isolamento, por falta de relações, de amigos, de amores, que é um estado anormal para o homem e que resulta quase sempre em sofrimento e dor. Para ele, a solidão é o estado natural do homem, sendo, portanto, a condição, “o preço por ser si mesmo” (COMTE-SPONVILLE, 2003, p. 564). Ninguém nasce ou morre por outrem. Ninguém vive senão a própria vida; e a existência conjunta, ou em comunidade, nos termos de Bauman (2003, p. 15), exige a sabedoria que nem mesmo Tântalo⁸ teve, ou seja, o “entendimento sem palavras” que proporciona a alegria ingênua e inocente inerente à convivência sem a busca do entendimento da natureza das coisas. Nessa perspectiva, esse “entendimento natural” é condição *sine qua non* para a vida em comum - comunitária - e ultrapassa os acordos prévios; ele – o “entendimento sem palavras” - deve ser algo que “está lá”,

⁸ BAUMAN, Z. A agonia de Tântalo, *in* Comunidade – a busca por segurança no mundo atual. Tântalo, filho de Zeus, punido pelos deuses por adquirir e revelar um conhecimento a que nem ele nem os outros mortais deveriam ter acesso.

determinado, pronto para ser usufruído. Ele é o ponto de partida de toda união, ultrapassando, por conseguinte, toda reflexão e qualquer questionamento do homem sobre sua condição de ser social. Assim, na existência conjunta, comunitária, o ser consciente da natureza das coisas é só, uma vez que, na convivência, a identidade se dilui na comunidade. Conforme Bauman (2005, p. 17-18), “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”.

Heidegger trata da relação do “ser-si”, que ele denomina presença, e do “ser-com” o mundo. Para ele,

Se a presença só é ela mesma existindo, a consciência desse ser-si mesmo assim como a sua possível ‘inconsistência’ exigem uma colocação ontológico-existencial da questão...” e “... É na análise *do* modo de ser em que a presença se mantém, numa primeira aproximação e na maior parte das vezes, que se deve buscar a resposta da questão do quem da presença cotidiana. A investigação orienta-se pelo ser-no-mundo cuja constituição fundamental também determina todo e qualquer modo de ser da presença (HEIDEGGER, 2007, p. 173).

Assim, o mundo que circunda o “ser-si” - a presença - é também o seu ponto de referência, assim como tudo e todos nesse mundo são “*co-presenças*”. “Ao se querer identificar o mundo em geral com o ente intramundano, dever-se-ia então dizer: ‘mundo’ é também presença” (Op. Cit., p. 174).

Na perspectiva sociológica, o ser é livre para escolher conviver ou não. Montaigne trata a solidão do ponto de vista puramente social, considera-a como um refúgio para alcançar o descanso, a saúde, a alegria, enfim, a liberdade. O apego à vida pública, ao outro - pessoa ou coisa -, àquilo ou àquele que se ama, não pode significar uma submissão tal que cause sofrimento no momento em que se faça necessário o desprendimento, em vista que “...A maior coisa do mundo é saber pertencer a si mesmo” (MONTAIGNE, 2002, p. 361).

Ao se alcançar a solidão libertadora, o homem estaria apto a alcançar também a autossuficiência, pois, para Montaigne, “...Temos uma alma que pode se recurvar em si mesma; ela pode se fazer companhia; tem como atacar e como defender, como receber e como dar; não tenhamos receio de que nessa solidão nos estagnemos em tediosa ociosidade” (Op. Cit., p. 359).

O estado de solidão, assim, representa uma escolha, uma saída para quem já não se encontra em condições de fazer frente às exigências naturais da vida em sociedade. Contudo, o ensaísta aconselha a quem opte pela solidão que não leve consigo os grilhões, os fardos que o pressionam, senão jamais alcançará a liberdade total. O estado de solidão seria, então, um ato voluntário e consciente.

A solidão tanto como condição natural, ontológica, quanto como uma escolha ou opção de vida em liberdade pode ser representada na literatura que, neste trabalho, buscar-se-á evidenciar a solidão de Tertuliano Máximo Afonso e Pereira.

Para a análise das personagens de Saramago (2002) e Tabucchi (1995) faz-se necessário o auxílio do pensamento sempre imprescindível de Bakhtin (1998), quando destaca que, no romance, além do homem falante e atuante, há também o homem pensante, cuja posição ideológica pode destacar-se da ideologia do autor ou unir-se a ela, uma vez que a ação está vinculada ao discurso. Não se podem perceber as concepções ideológicas da personagem unicamente por meio de suas ações, pelo fato de que é na palavra que ressoam todas as convicções, dúvidas, intenções, valores, normas etc. do homem e do universo social que o circunda. Portanto, o discurso é o instrumento adequado para a representação do mundo ideológico da personagem, mesmo que não tome a forma do discurso direto, mas, se aparecer integrado no discurso do narrador - ou de outra personagem - a posição ideológica da personagem sempre se fará sentir.

Tertuliano Máximo Afonso e seu estado solitário-depressivo

No diálogo entre Tertuliano e um colega de profissão, nominado “o de Matemática”, pode-se verificar que a complexa forma estilística permite uma visão aguda da situação psicossocial vivida pela personagem Tertuliano Máximo Afonso, numa época em que as pessoas se reclusam às suas casas, assistindo ao exibido na televisão - o elo entre elas e o mundo exterior. Já, neste momento, é possível verificar a solidão da personagem e o seu estado psicológico. Neste discurso, por meio da fala das duas personagens, confirmam-se a teoria bakhtiniana e a intenção do narrador de situar suas personagens conforme suas crenças, seus valores e hábitos, demonstrando que, de acordo com Moscovici, “o indivíduo sofre a pressão das representações sociais dominantes na sociedade e é nesse meio que pensa ou exprime seus sentimentos” (MOSCOVICI, 2001, p.49).

As representações sociais como fenômeno cognitivo, segundo Jodelet (2001), envolvem a pertença social dos indivíduos com as implicações afetivas e normativas,

com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento, socialmente inculcados ou transmitidos pela comunicação social, que a ela estão ligadas. Observemos, pois, o diálogo entre Tertuliano e seu colega, “o de Matemática”:

Não é para me meter na sua vida, dissera o de Matemática enquanto descascava uma laranja, mas de há uns tempos a esta parte encontro-o a modo que abatido, e Tertuliano Máximo Afonso confirmou, É verdade, tenho andado um pouco em baixo, Problemas de saúde, Não creio, tanto quanto posso saber não estou doente, o que sucede é que tudo me cansa e aborrece, esta maldita rotina, esta repetição, este marcar passo, Distraia-se, homem, distrair-se foi sempre o melhor remédio, Dê-me licença que lhe diga que distrair-se é o remédio de quem não precisa dele, Boa resposta, não há dúvida, no entanto alguma coisa terá de fazer para sair do marasmo em que se encontra, Da depressão, Depressão ou marasmo, dá igual, a ordem dos factores é arbitrária, Mas não a intensidade, Que faz fora das aulas, Leio, ouço música, de vez em quando passo por um museu, E ao cinema, vai, Cinema frequento pouco, contento-me com o que vai passando na televisão, Podia comprar uns vídeos, organizar uma colecção, uma videoteca, como se diz agora, Sim, realmente podia, o pior é que já falta espaço para os livros, Então alugue, alugar é a solução melhor, Tenho uns quantos vídeos, uns documentários científicos, ciências da natureza, arqueologia, antropologia, artes em geral, também me interessa a astronomia, assuntos deste tipo, Tudo isso está bem, mas precisa de se distrair com histórias que não ocupem demasiado espaço na cabeça, por exemplo, uma vez que a astronomia lhe interessa, imagino que igualmente lhe poderia interessar a ficção científica, as aventuras no espaço, as guerras das estrelas, os efeitos especiais, Tal como veio e entendo, os tais efeitos especiais são o pior inimigo da imaginação, essa manha misteriosa, enigmática, que tanto trabalho deu aos seres humanos inventar, Meu caro, você exagera, Não exagero, quem exagera são os que querem convencer-me de que em menos de um segundo, com um estalido de dedos, se põe uma nave espacial a cem mil milhões de quilómetros de distância, Reconheça que para criar esses efeitos que você desdenha tanto, também se necessita imaginação, Sim, mas é a deles, não é a minha, Sempre terá a faculdade de usar a sua começando do ponto aonde a deles tinha chegado,..(SARAMAGO, 2002, pp. 12 e 13)

De acordo com Bakhtin, a linguagem do romance é parte ativa do contexto social e abre-se aos diversos discursos, ideologicamente situados, de carácter religioso, político ou outro e os representa criticamente pondo-os em interação, diálogo e conflito. Na conversa entre “o de Matemática” e Tertuliano, evidencia-se o estado de espírito da personagem em análise, que confessa estar deprimido, desencantado com os modernos recursos e efeitos utilizados pelo cinema ou pela TV. Na fala de “o de Matemática” há descontração, bom ânimo, boa disposição para a aceitação daquilo que Tertuliano considera mau e até prejudicial à sua capacidade imaginativa. O discurso é ideológico e socialmente comprometido.

Divorciado, o professor de História, Tertuliano Máximo Afonso, vive só. Sua mãe vive no interior e ele sucumbe à solidão em seu modesto apartamento, embora Maria da Paz o ame e queira casar-se com ele. Por indicação do colega, “o de

Matemática”, alugou um filme e teve uma revelação absurda, senão pavorosa. Um ator que representava um papel secundário tinha sua aparência, ou melhor, não era apenas parecido, mas totalmente igual a ele; via a si mesmo, vivendo uma história medíocre, como medíocre era a sua vida. A busca por confirmar se era sua imagem realmente o que via foi insana. Assistiu a outros filmes em estado de desespero e confirmou que a imagem que via era a sua. Usou inescrupulosamente Maria da Paz para chegar ao nome do ator que se chamava Daniel Santa-Clara, pseudônimo de António Claro. Delírio? Loucura? Uma longa e angustiante busca levou-o a descobrir que António Claro vivia na mesma cidade e era casado.

Obstinou-se por encontrar pessoalmente o seu duplicado. Procurou António Claro, mantendo segredo de tudo. O mistério era seu, deveria desvendá-lo sozinho, como sozinho se sentia. Pensou em procurar seu duplicado na emissora em que trabalhava, mas não podia apresentar-se, pois zombariam dele, uma vez que estaria procurando por si mesmo. Resolveu, então, escrever uma carta em nome da noiva, Maria da Paz.

A carta era, portanto, o único meio, e credivelmente o mais seguro, de chegar aos seus conspirativos desígnios, sob a condição sine qua non de nela não inscrever o seu nome nem mencionar a sua morada. Nesta meada de táticas podemos jurar que havia reflectido ultimamente, embora de tão difusa e confusa maneira que a esse trabalho mental não se lhe deveria chamar com inteira propriedade pensamento, mais se tratou de um flutuar, de um vagabundear de fragmentos vacilantes de ideias que só agora lograram ajustar-se e organizar-se com pertinência suficiente, pelo que também só agora se deixam aqui registradas. A decisão que Tertuliano Máximo Afonso acaba de tomar é realmente de uma simplicidade desconcertante, de uma meridiana e transparente clareza. Não tem a mesma opinião o senso comum, que acaba de entrar pela porta dentro, perguntando, indignado, Como é possível que semelhante ideia tenha nascido na tua cabeça, E a única e é a melhor, respondeu Tertuliano Máximo Afonso friamente, Talvez seja a única, talvez seja a melhor, mas, se te interessa a minha opinião, seria uma vergonha para ti escreveres essa carta com o nome da Maria da Paz e dando o seu endereço para a resposta, Vergonha, porquê, Pobre de ti se precisas que te expliquem, Ela não se importará, E como sabes tu que não se importará, se ainda não lhe falaste do assunto, Cá tenho as minhas razões, As tuas razões, meu caro amigo, são sobejamente conhecidas, chamam-se presunção de macho, vaidade de sedutor, jactância de conquistador, Macho sou, realmente, é esse o meu sexo, mas a tal sedutor nunca o vi reflectido no espelho, e quanto a conquistador, melhor não falar, se a minha vida é um livro, esse é um dos capítulos que lhe faltam, Grande surpresa, Eu não conquisto, sou conquistado, E que explicação lhe vais dar para o facto de escreveres uma carta a pedir informações sobre um actor, Não direi que estou interessado em saber dados de um actor, Que dirás, então, Que a carta trata do estudo de que lhe tinha falado, Que estudo, Não me obrigues a repeti-lo, Seja como for, pensas que basta dar um estalinho com os dedos para que a Maria da Paz venha a correr satisfazer-te os caprichos, Limito-me a pedir-lhe um favor, No ponto em que se encontra a vossa relação perdeste o direito de lhe pedires favores, Poderia ser inconveniente assinar a carta com o meu próprio nome, Porquê, Não se sabe que consequências viria a ter no futuro, E por que não

usas um nome falso, O nome seria falso, mas a direcção teria de ser a autêntica (SARAMAGO, 2002, pp. 120 e 121)

Nesse trecho, é possível verificar o implícito no discurso da personagem denominada Censo Comum: o machismo de Tertuliano, sua falta de coragem para enfrentar a realidade e seu desejo de ser sedutor. Todas essas características são encontradas em seu duplicado a quem Tertuliano procura incansavelmente.

Frente a frente com o outro, não era preciso dizer nada, seria inútil, olhavam-se em um espelho. Restava saber quem era a cópia de quem. O ator nascera antes e considerava-se primaz. O professor estava em desvantagem. Era a cópia. Era o outro do outro (ou o outro de si?).

António Claro, corajoso, sedutor e devasso, chantageou Tertuliano Máximo Afonso. Queria assumir sua identidade para fazer amor com Maria da Paz. Sem saída, o professor cedeu. Mas uma tragédia mudou tudo. António Claro e Maria da Paz morreram em um acidente na estrada, depois que dormiram juntos. Ela descobriu que ele não era seu noivo, percebeu pela marca da aliança no dedo. Por causa de uma briga, o veículo colidiu. Morreu o ator, que era o original em relação ao professor, mas a notícia divulgada foi a de que Tertuliano Máximo Afonso morreria. Como explicar a todos? Tinha perdido a noiva, a identidade, a vida. Já não era ele, mas António Claro, o ator. E, por consequência, estava casado com Helena, uma desconhecida.

A representação da solidão de Tertuliano Máximo Afonso se dá pela ausência da co-presença (Heidegger, 2007), uma vez que o duplicado torna-se, a partir da conscientização de sua existência, o seu reflexo, a sua identidade oculta, o outro que o tornaria sedutor, menos solitário e depressivo, mesmo que tal encontro pudesse significar a sua morte definitiva, como se pode verificar no trecho transcrito:

Continuo a pensar que deverias acabar com esta maldita história de sócias, gémeos e duplicados, Talvez devesse, mas não consigo, é mais forte do que eu, Tenho a impressão de que puseste em marcha uma máquina trituradora que avança para ti, avisou o senso comum, e, como o interlocutor não lhe respondesse... (idem, p. 122).

O encontro, uma obsessão, nada significou, visto que António Claro, ou Daniel Santa Clara, nada tinha em comum com Tertuliano Máximo Afonso. O primeiro era ator, aquele que carrega e usa máscaras, que representa a não verdade, o irreal, o não factual, contrapôs-se contundentemente ao professor de História, cuja proposta era

contá-la (a História) do fim para o começo. A verdade. Os fatos. Eram completamente diferentes, vejamos o trecho:

Homem, não se vá embora tão depressa, conversemos um pouco mais, ainda não é tarde, e até, se não tem outro compromisso a chamá-lo, podíamos jantar juntos, aqui perto há um bom restaurante, com a sua barba não haveria perigo, Obrigado pelo convite, mas não aceito, teríamos com certeza pouca coisa para dizer um ao outro, a si não creio que lhe interesse a História, e eu estou curado de cinema para os anos mais próximos, Ficou contrariado pelo facto de não ter sido o primeiro a nascer, de que seja eu o original e você o duplicado, Contrariado não será a palavra justa, simplesmente preferia que não tivesse acontecido assim, mas não me pergunte porquê, seja como for não perdi tudo, ainda ganhei uma pequena compensação, Que compensação, A de que você não lucraria nada em andar pelo mundo a gabar-se de ser o original de nós dois se o duplicado que eu sou não estivesse à vista para as necessárias comprovações, Não tenciono espalhar aos quatro ventos esta história incrível, sou um artista de cinema, não um fenómeno de feira, E eu um professor de História, não um caso teratológico, Estamos de acordo, Não há, portanto, qualquer razão para que nos voltemos a encontrar, Também creio que não, Não me resta mais, por conseguinte, que desejar-lhe as maiores felicidades no desempenho de um papel de que não irá tirar qualquer vantagem, uma vez que não haverá público a aplaudi-lo, e prometer-lhe que este duplicado se manterá fora do alcance da curiosidade científica, mais do que legítima, e da cuscovilhice jornalística, ... Manter-nos-emos afastados, Numa cidade tão grande como esta em que vivemos não será nada difícil, além disso, as nossas vidas profissionais são tão diferentes que nunca eu teria sabido da sua existência se não fosse aquele malfadado filme, quanto à probabilidade de que um actor de cinema viesse a interessar-se por um professor de História,...(ibidem, pp. 219 e 220).

Tertuliano Máximo Afonso e António Claro pertenciam a mundos diferentes, não coexistiam em um mesmo *habitus*; ambos não incorporaram ao longo de suas vidas a mesma lei social (Bourdieu, 1996). O *habitus*, segundo a noção de Bourdieu, caracteriza-se como um ambiente social simbólico que se contextualiza como “estrutura estruturada e estruturante”. Em *A Dominação Masculina*, a construção do *habitus* é explicada por Bourdieu da seguinte forma:

...produto de um trabalho social de nomeação e de inculcação ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas 'linhas de demarcação mística', conhecidas e reconhecidas por todos, que o mundo social desenha, inscreve-se em uma natureza biológica e se torna um *habitus*, lei social incorporada (BOURDIEU, 2007, p. 63-64).

Em *Razões Práticas*, confirmando que o “*habitus* é um princípio gerador e unificador, que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco...”, Bourdieu assim define *habitus*: “são princípios geradores de práticas distintas e distintivas...” (BOURDIEU, 1996, p.22). O princípio unificador a que se refere Bourdieu diz respeito às incorporações subjetivas, que tornam o indivíduo único e ao mesmo tempo membro de um grupo de pessoas com o mesmo estilo de vida, ou seja, “lei social incorporada”.

Pereira, o *habitus* e a busca pela co-presença

Pereira era jornalista, tinha orgulho de sua profissão e do cargo que ocupava. Era o de dirigente da página de cultura em uma época (salazarista) em que se dava mais atenção à coluna social. Ele era o “doutor Pereira”, responsável pela página cultural. Embora fosse “viúvo, cardíaco e infeliz” (TABUCCHI, 1995, p. 7), era uma personagem em busca de um autor, queria registrar sua história e registrar-se na História. Foragido da ditadura salazarista, Pereira, depois de escapar de Portugal, escrevia para um jornal em Paris, onde conheceu o autor do livro cuja narrativa é o que ele “afirma”, por isso o título do livro de Tabucchi ser *Afirma Pereira*.

A solidão da personagem Pereira dá-se em outra perspectiva, e a análise da representação da sua solidão exige o conceito de *habitus*, conforme Bourdieu (op. cit), uma vez que seu interesse por Monteiro Rossi se dá por causa de um artigo de Rossi sobre a morte e Pereira refletia sobre a morte enquanto Lisboa resplandecia sob um sol luminoso e escaldante. Foi sua paixão por literatura, filosofia e, naturalmente, o artigo que versava sobre a morte que o fez procurar Monteiro Rossi e tornar-se seu amigo. A morte representava, para Pereira, o fim da busca pela co-presença, pela mulher doce e frágil que morrera, com cujo retrato costumava conversar, desabafar, compartilhando suas alegrias e tristezas.

Além de sua mulher, fisicamente personificada em um retrato, e de Monteiro Rossi, havia, também, outras presenças no mundo de Pereira: os escritores franceses e, principalmente, o médico que tratava seus males físicos e da alma – amante da literatura francesa, principal ponto de aproximação entre ambos - o Doutor Cardoso. Segundo Jodelet (2001), criamos representações porque precisamos nos ajustar ao mundo em que vivemos de forma a identificar e resolver problemas que se nos apresentem. As representações são sociais porque o mundo que nos cerca está repleto de pessoas com as quais interagimos e partilhamos nossas vidas. Pereira buscava interagir com o amigo Silva, com o diretor do jornal, mas não alcançou correspondência (identificação, afinidades). Assim, o Doutor Cardoso representou, para Pereira, a co-presença, o reflexo mais nítido de sua presença. Encontrou sua co-presença, a identificação com esse “amigo” que, a partir da história do conto “La Dernière Classe”, dos *Contes du lundi*, de Alphonse Daudet, lhe mostrou que ele, Pereira, ao se referir à frase “Viva a França”

escrita pelo personagem do conto, estaria dando espaço ao “seu eu hegemônico”. Cardoso apresentou-lhe a teoria da confederação das almas, ou seja,

... acreditar ser “um” per si, separado da incomensurável pluralidade dos próprios eus, representa uma ilusão, aliás, ingênua, de uma única alma na tradição cristã, ... porque nós temos várias almas dentro de nós não é mesmo?, uma confederação que se coloca sob o controle de um eu hegemônico”.... “a que é denominada de norma, ou nosso ser, ou normalidade, é somente um resultado, e não uma premissa, e depende do controle de um eu hegemônico que se impôs na confederação de nossas almas; no caso de surgir um outro eu, mais forte e mais poderoso, este eu destitui o eu hegemônico e toma o seu lugar, passando a dirigir a corte das almas, ou melhor, a confederação, e a primazia permanece enquanto este eu não for, por sua vez, destituído por outro eu hegemônico, através de um ataque direto ou de uma paciente erosão. Talvez, concluiu doutor Cardoso, haja no senhor um eu hegemônico que, após paciente erosão, esteja tomando a liderança da confederação de suas almas, doutor Pereira, e não há nada que o senhor possa fazer, a não ser, eventualmente secundá-lo (TABUCCHI, 1995, p. 75).

Monteiro Rossi era a juventude corajosa que se opunha ao regime salazarista. E sua morte foi o pretexto que deu espaço ao eu hegemônico de Pereira. A expressão “Viva a França”, do conto de Daudet, era o próprio eu hegemônico que tomava o poder, pois que, até ali, vinha sendo secundado sob o pretexto de que “...nós fazemos um jornal livre e independente, e não queremos nos meter com política.” (idem, p. 18).

O encontro de Pereira com doutor Cardoso significou o encontro da co-presença e a total liberação de seu eu hegemônico. Pereira não estava mais só, tanto que pôde contar com o amigo doutor Cardoso para dar o telefonema que asseguraria a publicação de sua matéria que denunciava a violência praticada pelo estado português e a morte do jovem Monteiro Rossi.

Conclusão

Por meio dos conceitos aqui apresentados, torna-se possível concluir que Tertuliano Máximo Afonso e Pereira, cada um em seu espaço criativo literário, representam estados de solidão tanto na perspectiva ontológica quanto sociológica.

A criação de Saramago, ou seja, Tertuliano Máximo Afonso, vive em isolamento depressivo porque não encontra campo para ser-si no mundo, considerando a concepção

heideggeriana. Nos termos bourdieunianos, ele e seu duplicado não incorporavam a mesma lei social. Na página 122, sua morte está anunciada: “puseste em marcha uma máquina trituradora que avança para ti, avisou o senso comum”. A morte física do ator, que representou a sua morte social, roubou-lhe a noiva, a profissão de professor e impôs-lhe o encontro com Helena e filhos (esposa e filhos do duplicado morto). Encontraria Tertuliano a co-presença na família do ator? A obra não apresenta elementos para tal conclusão. Mas o que aí se coloca é o dilema da solidão e da morte, pois, socialmente, quem passa a existir é António Claro, o ator. Tertuliano Máximo Afonso passa a uma solidão ainda mais contundente torturante, fadado à teatralização da própria existência.

Pereira encontrou a co-presença em âmbito intelectual (e a ele não interessava outra coisa), pois passou a coexistir com o Doutor Cardoso o mesmo *habitus*; liberou seu “eu hegemônico” e realizou-se como jornalista e sujeito político. Eternizou-se quando encontrou um narrador para sua história.

Neste início do Século XXI, o que Bauman chama de “entendimento natural” necessário à vida em comunidade parece ficar cada vez mais raro. O acesso à informação, a capacidade de visualização do universo mundial, por meio de mídias cada vez mais velozes, e a vida social cada vez mais competitiva levam o ser humano a uma solidão crônica, que poderia ser traduzida pela perda da “alegria ingênua e inocente” capaz de proporcionar ao ser humano a convivência harmoniosa e não questionadora. Assim, na atualidade, ou se constrói a identidade pessoal, a autonomia individual e se vive só, ou se submete a uma convivência atormentada cuja existência demanda diuturnamente abnegação e artifícios que lhe rearranjem as condições de vida.

Abstract

This paper proposes a study on the theory of social representations, the representation of loneliness in two literary works: *O homem duplicado*, by José Saramago, and *Afirma Pereira*, by Antonio Tabucchi. The loneliness of Tertuliano Máximo Afonso, in Saramago, and Pereira, in Tabucchi, is specifically considered. The study of loneliness, in order to understand the state of loneliness of the analyzed characters, will be based on various thinkers who have made reflections on the condition of human being in relation to the self and to the other. The personal or the private life without otherness and the social or public life, that includes the presence of the other.

Key words: loneliness. Representation. Social representations. Literature.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, 1998.

- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman; tradução Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil. Lisboa, Difel, 1989.
- _____. **A dominação masculina**. *Rio de Janeiro*: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- _____. **Razões Práticas – Sobre a teoria da ação**. 8ª ed. Campinas-SP: Papyrus, 1996.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Dicionário filosófico**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback, posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- JODELET, Denise. La representación social: Fenómenos, concepto y teoría. In: Moscovici, S., “Psicología Social II”. Editorial Paidós, Barcelona. España., 1998.
- _____. Representações sociais; um domínio em expansão. In: _____. As representações sociais. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- MONTAIGNE, Michel. **Os ensaios – livro I**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (Paidéia).
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- TABUCCHI, Antonio. **Afirma Pereira: um testemunho**. Tradução de Roberta Barni. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.